

A REPRESENTATIVIDADE SÁFICA NOS CINEMAS: DO IMPOSIÇÕES DE PADRÕES À SEXUALIZAÇÃO NAS TELAS

Maria Isadora Silva Cavalcante¹; Jordan Oliveira da Silva²

RESUMO

A heterossexualidade sempre foi privilegiada em qualquer canto do mundo, o que resultou, entre outras coisas, na falta de representação de filmes de pessoas LGBTQ+, especialmente mulheres. As mulheres sáficas e todas as coisas sáficas foram amplamente marginalizadas na sociedade. Sáfico, vindo do nome do poeta grego Safo, significa mulheres, ou coisas relacionadas a mulheres, que são atraídas por outras mulheres. Durante meados do século XX, os códigos de moralidade em Hollywood começaram a se afrouxar, permitindo uma margem muito maior para as pessoas fazerem filmes sobre mulheres queer. Dessa forma, nosso projeto buscará analisar obras cinematográficas das últimas duas décadas e evidenciar, através de análises baseadas tanto na análise do discurso francesa quanto nos estudos de gênero, como que, ao mesmo tempo em que há avanços na representação da imagem feminina sáfica, ainda há uma forte manutenção de estereótipos e resistências que ainda fetichizam o relacionamento entre 2 mulheres. Na primeira parte do projeto, utilizamos o romance francês *Azul é a cor mais quente* (Abdellatif Kechich, 2013) como ferramenta principal de análise, nele as problemáticas apontadas nos estudos levantados são explícitas, sendo o exemplo mais prático de sexualização e objetificação do corpo feminino, além da paralelidade com os padrões e sistema excludente corriqueiros nas obras cinematográficas com “mulheres” sáficas. A presente etapa traz o filme coreano *The Handmaiden* (Park Chan-wook, 2017), o qual aborda o tema do lesbianismo e da sexualidade numa dualidade, mas ainda sexualizada e problemática.

Palavras-chave: Representatividade; LGBTQIA+; cinema; lésbicas; sáficas.

Financiamento: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA.

¹ Estudante do Curso de Eletromecânica no IFMA Campus Pedreiras; Email: mariaisadora@acad.ifma.edu.br

² Professor Me no IFMA Campus Pedreiras; Email: jordan.oliveira@acad.ifma.edu.br

INTRODUÇÃO

Senhoritas de Uniforme, filme alemão de 1931, foi a primeira película da história do cinema a retratar um romance lésbico, sendo precursor da representatividade lésbica na cultura filmográfica, nele as protagonistas do romance proibido e discreto, terminam o enredo sendo punidas quase que criminalmente, um final trágico e que de modo algum deixa a homossexualidade vencer. Mesmo inserida na sociedade, a lesbianidade e as mulheres como um todo, não fazem parte da cultura dominante (Butler, 2003), sua representatividade é fadada ao minimalismo e às rédeas da heterossexualidade compulsória, que muitas vezes busca moldar a existência lésbica culturalmente como algo inatural, sexualizado e obscuro. Senhoritas de Uniforme (1931), Azul é a cor mais quente (2013) e *The Handmaiden* (Park Chan-wook, 2016) possuem mais de 80 anos de diferença entre seus lançamentos, mas dezenas de mazelas que se repetem em ambas as narrativas, nos mostrando que, mesmo com diversos avanços nos debates sociológicos, cinema e na representação LGBTQIA+, a heterossexualidade compulsória ainda é o ponto de partida, como afirma Welzer-lang (2001,p.461), “os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres. Esta dominação [...] atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos”.

A heteronormatividade coloca a heterossexualidade como o padrão a ser seguido socialmente, o jeito “normal” de se viver (Toledo, 2010), este padrão normativo, força homens e mulheres a negarem suas sexualidades e/ou se adequar ao que, socialmente, moralmente, religiosamente, é tido como natural e que os aloque como indivíduos naturais. Essa crença do heterossexual como superior e divino “sobressai desde a infância nos contos de fadas, na televisão, no cinema, na publicidade, nos cortejos nupciais” (RICH, 1986, p.61), é desse modo que o entretenimento e a cultura se tornam essenciais na exclusão das demais sexualidades.

Algumas Feministas apontam a heterossexualidade compulsória justamente como sistema que acomoda e hierarquiza as relações de gênero, onde o homem é o modelo para todas as relações, inclusive aquelas na qual ele não está presente, a explicação está ancorada na sua falta, como o argumento da falta do pênis, da falta de um homem de verdade para pôr fim as relações lésbicas. (LESSA, 2004,s.p)

Para Gimeno Reinoso (2005), o adjetivo lésbica é aceito apenas quando o mesmo segue as barreiras da sociedade heteronormativa, a lesbianidade que se liberta das amarras dos homens e da heterossexualidade tendem a ser banidas, excluídas e invisibilizadas. Gimeno também nos introduz ao termo “lesbian chic”, uma denominação às lésbicas que são sexualizadas e objetificadas por homens, é uma lésbica/bissexual que segue o tradicionalismo e serve de fetiche aos homens heterossexuais e cisgêneros. A lesbian chic é/foi uma forma de introduzir mulheres sáficas às obras cinematográficas de modo que não ofendesse e nem incomodasse a classe dominante, ao contrário, que os satisfizesse, sexualizando o corpo feminino e excluindo a sua força e existência política.

Na segunda parte do projeto, analisamos a premiada obra oriental *The Handmaiden* (Park Chan-wook, 2016) que, apesar de fugir do habitual padrão europeu que estamos habituados em filmes LGBTQIA+, ainda cai numa sexualização exacerbada, com um diretor masculino e que em alguns momentos desumaniza as personagens. A análise de *The Handmaiden* (Park Chan-wook, 2016) pode ser realizada de forma ambígua, possuindo a película pontos negativos e positivos para a representatividade lésbica, essas questões serão apontadas no decorrer da análise.

METODOLOGIA

Nossa pesquisa tem como pilar base o estudo bibliográfico, apoiando-se nas teorias feministas e de gênero de alguns escritores como: Judith Butler, Simone Beauvoir, Monique Wittig, Michael Foucault, Gimeno Reinoso, entre outros intelectuais do assunto. Introduzimos a pesquisa com o auxílio de artigos que utilizam dos teóricos citados acima como referência.

O trabalho iniciou-se com a leitura de textos sobre lesbianidades e gênero, que nos integrou às questões da heterossexualidade compulsória, literatura e geografia lésbica, além de análises de obras literárias sáficas, textos esses que nortearam a maior parte da pesquisa, visto sua forma introdutória ao assunto e de maior integração ao tema principal que será abordado, o cinema. O livro “Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade” de Judith Butler (1990) agregou conceitos e teorias da psicanálise

correlacionada à sexualidade e o gênero, além de capítulos sobre linguagem, corpo-política, feminilidade mascarada e demais acerca do tema principal. Nesta primeira fase da pesquisa, optamos por não utilizar concepções da psicanálise freudiana a respeito da homossexualidade, discutida na obra de Butler, em nossa análise, devido à complexidade do tema e necessidade de um aprofundamento maior ao tema para poder abordá-lo.

Finalizamos as leituras com o artigo “Quando Todas As Cores Dos Cinemas São O Azul, A Cor Mais Fria: Uma Análise Sobre Produções Audiovisuais e Gênero” da doutora em história Sandra de Souza Machado, que nos apresentou a questão hegemônica e eurocêntrica perpetuada pelo cinema de todo o mundo, como esses estereótipos estão enraizados na sociedade e também as preocupantes estatísticas sobre mulheres nas produções audiovisuais, sendo as problemáticas acerca da representatividade feminina/lésbica um possível reflexo dessa escassez feminina atrás das câmeras e direção. Por último, a dissertação “Punk Rock não é só pro seu namorado: uma leitura querendo sobre o filme *All Over Me*” com conceitos sobre a heteronormatividade e os padrões sociais vistos no cinema e música.

ANÁLISE FÍLMICA

The handmaiden (Park Chan-wook, 2016) relata sobre uma jovem pobre vinda de uma família de vigaristas que tenta dar um golpe na herdeira Hideko que vive numa mansão com diversos segredos e um tio problemático. Sooke se torna criada da moça rica e adentra sua vida e seu coração, vivendo ambas um romance estritamente proibido por conta de gênero e classe de ambas. Hideko e Sooke se entregam à paixão quase que devocional entre empregada e patroa, libertando-se dos homens que as abusam. A história possui uma interpretação do ponto de vista crítico ambíguo, pois ao mesmo tempo que as mulheres vencem a narrativa e encerram a trama juntas, o sexo explícito presente em toda a trama ainda deve ser questionado. Um diretor homem cis/het realmente é capaz de produzir uma obra sobre mulheres lésbicas numa cultura oriental conservadora, como é a da sociedade coreana sem cometer atos lesbofóbicos e objetificar as atrizes/personagens? Segundo Audre Lorde (1983, p. 97, tradução nossa): “a opressão das mulheres desconhece limites étnicos e raciais, é verdade, mas isso não significa que ela é idêntica dentro desses limites”.

O pior é verificar que valores, más representações e estereótipos semelhantes são compartilhados também pelos produtores audiovisuais não brancos (independentes ou do “cinema de sotaque”), em relação ao que reproduzem em seus filmes e vídeos. Igualmente, no que tange o sequestro do local de fala de mulheres – brancas ou não, heterossexuais ou não (LGBTQ), jovens ou idosas, de qualquer classe social ou religião. (DE SOUZA MACHADO, 2017)

Ao se mudar para a rica mansão onde Hideko vive isolada com seu tio, um escritor de contos eróticos e com segredos bizarros, Sooke passa a ter uma relação íntima com sua senhora, mas limitada aos cuidados e serviços de uma criada qualquer. Hideko mostra-se ingênua e manipula Sooke para que ela se apaixone perdidamente. Desde o primeiro contato, a empregada sente-se atraída pela chefe, uma paixão irrisória devido as lacunas sociais que a separam. É no carinho e cuidado quase que maternais que as faíscas de um amor saltam à tela, com Sooke desejando ter e proteger sua ama, tão linda e delicada a seus olhos.

Figura 1. Sooke banhando Hideko. Fonte: *The Handmaiden* (Park Chan-wook, 2016)



Ambas se apaixonam num joguinho de sedução que, primariamente, resumido em interesses pessoais. Sooke almeja sua liberdade financeira e sair da vida de ladra, enquanto Hideko deseja livrar-se da casa onde é aprisionada e forçada pelo seu tio fetichista e sádico a narrar contos eróticos para homens da alta classe. O sexo entre mulheres é recorrente e explícito na película, apesar de ser abordada de forma crítica a objetificação e abuso dos corpos femininos, até que ponto uma obra com um homem na direção está questionando o sistema de subordinação das mulheres e representando de forma legítima uma vivência/paixão homossexual?

Saber a identidade sexual de um diretor não proporciona necessidade de interpretação da obra. Um filme dirigido ou escrito por uma diretora lésbica pode ou não contribuir com personagens lésbicas “positivas”; e pode não ter conteúdo lésbico nenhum. Por outro lado, não saber detalhes sobre a participação de lésbicas na produção cinematográfica é um problema para construir qualquer história sólida sobre lésbicas (BECKER; CITRON; LESSAGE; RICH: 1981, tradução: ARAÚJO, 2014)

Figura 2. Primeira cena sexual entre as personagens. Fonte: *The Handmaidens* (Park Chan-wook, 2016)



Na figura 2 temos Sooke “ensinando” Hideko como o Conde, o seu pretendente, fará com ela após se casarem. Durante toda a cena temos a figura masculina sendo citada, como se preenchesse uma lacuna no sexo, mesmo que o prazer e desejo esteja centralizado em duas mulheres se amando, o falo ainda se mantém presente, mesmo que no imaginário.

Figura 3. Hideko interpreta os contos lésbicos eróticos de seu tio. Fonte: *The handmaidens* (Park Chan-wook, 2016)



Figura 4. Os telespectadores aplaudem a performance de Hideko. Fonte: *The handmaiden* (Park Chan-wook, 2016)



Enquanto Hideko sofre diversos abusos físicos e psicológicos pelo seu tio, que inclusive a deseja e fantasia seu corpo há anos, os homens consumidores das obras, repletas de violência e um sexo lésbico deturpado e fetichista, se satisfazem e se entretêm com os que lhe é entregue, de certo modo o filme também comete este ato e agrada o público masculino com uma trama que possui lesbianidades, mas não pode ser lida como uma história lésbica.

CONCLUSÕES

A obra coreana *The handmaiden* comete erros parecidos com o primeiro filme analisado em nossa pesquisa, *Azul é a cor mais quente* (Abdellatif Kechich, 2013), cai nas problemáticas inevitáveis ao ter-se um diretor homem tentando representar vivências e relações entre mulheres. Apesar de descentralizar as narrativas com mulheres lésbicas do eixo europeu, a questão de gênero e sexualidade está longe de ser bem representada. O resultado é quase que sempre cheio de figuras distorcidas e uma sexualização desnecessária, as personagens atendem não a realidade das mulheres sáficas e sim a idealização que os homens têm a respeito delas.

Concluimos então que, apesar de constantes e avançados os debates sociológicos, o cinema ainda está longe de evoluir completamente suas amostras de gênero e sexo. Com uma presença majoritária de heterossexuais cisgêneros nas principais produções cinematográficas, ainda é distante uma realidade em que o cinema consiga dialogar sem

preconceitos e amarras com a realidade, abrindo espaço para questionarmos o sistema patriarcal e capitalista através das telas, sendo um lugar de expressão para todos, consequentemente as mulheres sáficas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao IFMA pelo apoio financeiro e incentivo na realização das pesquisas científicas, agradeço também meu professor e orientador Jordan Oliveira pelos ensinamentos e incentivo em todo este período.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Tatiana. Punk Rock Não É Só Pro Seu Namorado: Uma Leitura Queer Sobre O Filme All Over Me. Tese de Doutorado. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/129063>.

BROWN, L. S. Lesbian identities: concepts and issues. In: D'AUGELLI, A. R.; PATTERSON, C. J. (Eds.). Lesbian, gay and bisexual identities over the lifespan: psychological perspectives, New York: Oxford University Press, 1995. p. 3-23.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DE SOUZA MACHADO, Sandra. Quando todas as cores dos cinemas são o azul, a cor mais fria: uma análise sobre produções audiovisuais e gênero. Revista Observatório, v. 3, n. 1, p. 105-130, 2017.

GIMENO REINOSO, B. Historia y análisis político del lesbianismo: la liberación de una generación. (Colección Libertad y Cambio) Editorial Gedisa: Barcelona, España, 2005.

LESSA, P. Que 'babado' é esse? Corpo, sexualidade e lesbiandade no gay pride. Labrys, estudos feministas, n. 6, ago./dez., 2004. Disponível em: <<https://www.labrys.net.br/labrys6/lesb/patricia.htm>> . Acesso em: 28 mar 2023.

LORDE, Audre. An Open Letter to Mary Daly In ANZALDÚA, Gloria;

PARKER, R. G. Corpos, prazeres e paixões – a cultura sexual no Brasil contemporâneo. Tradução de CAVALLARI, M. T. M. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1991

RICH, A. Heterossexualidad obligatoria y existencia lesbiana, 1980. In: _____. Sangre, pan y poesía: prosa escogida: 1979-1985. Icaria: Barcelona, 1986. p. 41-86.

TOLEDO, Livia Gonsalves, and Fernando Silva Teixeira Filho. "Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade." Estudos e pesquisas em psicologia 10.3 (2010): 729-749.

WELZER-LANG, D. The construction of the masculine: women's domination and homophobia. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

